

## Um quilombo de práticas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Etnomusicologia

*Marcos Alan Costa Farias<sup>1</sup>*  
PPGAS/UFAM – marcosalan10@hotmail.com

**Resumo.** Este estudo apresenta uma breve discussão acerca de práticas desenvolvidas na Comunidade Remanescente de Quilombo do Jauari, em Oriximiná, Pará. A ideia central é mostrar duas práticas recorrentes na comunidade que envolvem música e dança. As formas de se manifestarem vislumbram elementos identitários, sobretudo, de afirmação étnica, mostrando ainda o quanto a comunidade referenciada pratica atividades em sua vida social.

**Palavras-chave.** Música. Dança. Afirmação étnica. Jauari.

### **A Quilombo of Practices.**

**Abstract.** This study presents a brief discussion about practices developed in the Remaining Community of Quilombo do Jauari, in Oriximiná, Pará. The central idea is to show two recurring practices in the community that involve music and dance. The ways of manifesting themselves glimpse identity elements, above all, of ethnic affirmation, also showing how much the referenced community practices activities in its social life.

**Keywords.** Music. Dance. Ethnic affirmation. Jauari.

### **1. Apontamentos iniciais**

As pesquisas sobre a comunidade remanescente de quilombo Jauari, situada no território Erepecuru, no município de Oriximiná – Pará, iniciaram em 2016. Em um primeiro momento, o estudo vislumbrou a reflexão referente à prática do *Grupo Cultural Encanto do Quilombo*, porém diante do trabalho de campo e a observação de práticas diversas que envolvem música e dança na comunidade e fora dela, percebeu-se a necessidade de um aprofundamento de tais práticas, afim de refletir cada vez mais o universo pesquisado.

O que tenho visto ao longo dessa jornada de pesquisa de campo, leituras e reflexões, é que no Jauari se têm um apanhado de práticas que se diversificam na vida social de seus praticantes. Práticas musicais, práticas de dança, práticas híbridas com música e dança e *festas culturais* que se mesclam diante de suas formas de se autodefinir enquanto quilombolas.

A seguir pretendo descrever, mesmo que de forma breve, algumas das práticas que constituem o saber quilombola. Com isso, pretendo mostrar o quanto essas práticas estão integradas na ação desse grupo étnico, e como já apontava Merriam “A música é um produto do homem e tem estrutura, mas sua estrutura não pode ter existência própria separada do

comportamento que a produz”<sup>2</sup> (MERRIAM, 1964, p. 7). E como bem disse Beudet (1980 apud BEAUDET, 2016) práticas musicais e coreográficas entre os Wayãpi constituem uma forma de “bem estar”, o que pode ser percebido também entre esses quilombolas do Jauari.

As informações aqui descritas compõem dados já discutidos durante o mestrado (FARIAS, 2018) e outros ainda em fase de análise no doutorado. Vale ressaltar que o interesse por esse tema surge em meio a lacuna existente em relação à produção científica referente às práticas musicais e dançantes dos quilombolas na Amazônia, especialmente no município de Oriximiná (PA).

## 2. A comunidade Jauari

Para compreendermos as práticas da comunidade quilombola Jauari, assim como suas formas de fazer música e dança, é necessário percorrer pela construção do “espaço social” onde esses quilombolas mantêm seus saberes, o Jauari. Entendendo que a unidade social na qual eles pertencem contribui significativamente para a sua compreensão, por estabelecerem laços de coletividade, sociabilidades e relações diretas com o “espaço social”. Segundo Bourdieu (2008) o espaço pode ser um lugar definido como espaço físico e também por uma vertente relacional, para o autor, “Os agentes sociais são constituídos como tais em e pela relação com um *espaço social*” (p. 160) (g.a.).

Segundo os relatos dos agentes sociais desta pesquisa, a Comunidade Remanescente de Quilombo do Jauari foi constituída décadas depois da ocupação e conquista das cachoeiras ainda no século XIX<sup>3</sup>. Após a abolição da escravidão os quilombolas começaram a descer o rio e a ocupar o Erepecuru e o Cuminá, isso resultou em núcleos familiares que mais tarde resultariam em unidades sociais designadas enquanto comunidades. O Jauari, inicialmente, possuía o nome de Fazendinha, ainda do outro lado do rio, ou seja, lado esquerdo em frente onde hoje moram a maioria dos quilombolas e onde fixaram atualmente a igreja, escola, barracão comunitário. Nomes como: Brasilhano, Ricardo, Braz Manuel de Figueiredo e Vitor Amaral são citados pelo sr. Daniel de Souza como os primeiros moradores. O sr. Francisco Hugo de Souza cita ainda Pedro Nonato, que era o coordenador, as famílias de Ricardo, Gregória, Antônio Melo, Luiza e de seu pai Francisco Melo.

Segundo o sr. Daniel de Souza, morar em grupos, dividir o que possuíam, cultivar suas roças, leva a formar “uma comunidade deles com a estratégia deles mesmo, sem ninguém orientar eles” (Daniel de Souza, Comunidade do Jauari, entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2017). Nota-se nesse trecho que o sr. Daniel de Souza autonomiza a noção de

comunidade através da própria realidade a que se refere. Gusfield (1995), porém, enfatiza que “comunidade” é um complexo de relações sociais que envolvem situações de cooperação e conflito.

Do outro lado do rio o nome dado foi Fazendinha e por ali ficaram até 1976, quando, então, em 03 de janeiro de 1976 resolvem atravessar para o outro lado do rio, onde até hoje estão. Um dos motivos para essa mudança, que parece ser o principal, está relacionado a aspectos geográficos. Na Fazendinha era várzea e toda a roça ia para o fundo durante as épocas de cheia do rio. Dona Maria Roberta decidiu, então, atravessa-lo e firmar moradia do lado direito deste, local de terra firme.

Outro aspecto corresponde à religiosidade. Eles celebravam São Pedro na Fazendinha. No entanto, os santos possuíam dono naquela época, “então São Pedro, o dono dele era o Pedro Nonato. Então quando eles saíram, o Pedro Nonato, saíram com a velha Luísa lá pra cima pra varja, eles levaram, então aqui ficou sem santo”, enfatiza o sr. Francisco Hugo de Souza. Ele narra ainda “aí o Espírito Santo lá do Cuminã tinha um São Benedito e aí foi a mamãe denominou o vidrinho de tiro seguro que ela tinha assim, já colocando a comunidade de São Benedito e de repente o Espírito Santo veio pra cá e colocou o São Benedito daqui, o próprio São Benedito pra ser o Padroeiro” (Francisco Hugo de Souza, Comunidade do Jauari, entrevista realizada em 19 de dezembro de 2017).

Como é notório, dona Maria Roberta teve grande contribuição na “fundação” do Jauari onde hoje se situa. Seja tanto por dar início a mudança de moradia nos lados do rio, quanto por estabelecer estratégias para celebrar a fé a São Benedito.

Cabe abrir um espaço neste texto para diferenciar o termo “comunidade” das categorias observadas empiricamente, seja ela base física ou o uso político e religioso. Algumas interpretações pautam os termos campo e cidade. Raymond Williams (2011, p. 11) analisa as duas formas, que por vezes apresentam-se como opostas nessa interpretação. O campo é associado a uma maneira natural de vida, que engloba paz, inocência e virtudes simples, por outro lado, a cidade configura-se a ideia de lugar de realizações, como de saber, comunicação, luz. Ainda o autor aponta ao que se conceituou nas associações negativas, onde a cidade é compreendida como um lugar de barulho, mundanidade e ambição, já ao campo associou-se à ideia de atraso, ignorância e limitação. Contudo, essas generalizações são contrapostas ao que se observa dos quilombolas do Jauari. Não se presume refleti-los como uma comunidade em que as suas formas de vida vislumbram a perspectiva de atraso e limitações.

O emprego do termo comunidade aqui privilegia suas relações sociais como objeto de sociabilidades e conflito. Consoante a interpretação de Gusfield (1975) o conceito de comunidade possui dois aspectos diferentes: geográfico e relacional; estando o primeiro ligado ao território, fronteiras geográficas e o espaço físico e o segundo atrelado as relações sociais, os sistemas de coesão social. Gusfield (1975, p. XVI) entende que a comunidade é característica de algumas “relações humanas ao invés de um grupo delimitado e definido”<sup>4</sup> [tradução minha]. Destarte o autor privilegia levar em consideração o aspecto relacional, desta maneira, as relações sociais do grupo, as relações de cooperação e conflito são essenciais para sua concepção, sem compreendê-la como mera localização.

Com esse conceito de Gusfield (1995) pretendo afastar da teoria clássica de Tönnies (1973), que analisa e distingue comunidade e sociedade. Para ele “Tudo que é confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto, é compreendido como a vida em comunidade [...]. A sociedade é o que é público, é o mundo” (1973, p. 97). Acrescento ainda as concepções de Weber (1994), que estabelece a diferença entre “relação comunitária” e “relação associativa”. A “relação comunitária” diz respeito ao “sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo”, por outro lado a “relação associativa” descamba “num acordo racional, por declaração recíproca” (1994, p. 25).

### 3. Um quilombo de práticas

Passados os anos, esse grupo étnico<sup>5</sup> estabelecido enquanto comunidade se constituiu e, atualmente, está devidamente organizado enquanto comunidade remanescente de quilombo e representado por segmentos organizativos<sup>6</sup>, com suas “terras tradicionalmente ocupadas”<sup>7</sup> garantidas. É nesta comunidade, o Jauari, que festas, práticas de música e dança são desenvolvidas. Assim, passo então a apontar algumas dessas práticas.

O *Grupo Cultural Encanto do Quilombo* teve sua fundação em julho de 2010, na própria comunidade, através da oficina de construção de instrumentos musicais realizada pela Fundação Curro Velho<sup>8</sup>, na ocasião ministrada por Carlos Meigue. Essa oficina foi pensada e articulada pelo sr. Daniel de Souza, a ideia inicial era tornar presente no Jauari a prática de construção de instrumentos musicais, porém a oficina proporcionou a criação de um grupo musical específico.

O Encanto do Quilombo busca nas práticas passadas motivos para explicar essa prática, mesmo que a prática exercida hoje possua elementos contemporâneos aos

participantes, de forma a mesclar o passado e o presente. Podemos entender isso como um processo de ressignificação musical, uma retomada musical, em que os elementos que compõem a música: instrumentos, ritmo, letra, canto; compõem um processo de rememoração, acrescido de características vividas pelos antepassados e difundidas pela oralidade, bem como de elementos intrínsecos ao atual momento em que o grupo se situa.

Atualmente, além de construir seus próprios instrumentos, em sua grande maioria, os quilombolas também compõem suas músicas. Dona Marina Lúcia Figueiredo além de cantora no grupo, também é responsável pela composição das letras, estas por vezes já são criadas com o “ritmo”, o restante do processo criativo é construído junto de outros músicos do grupo como Rosivaldo Pinheiro que toca violão e Mariomá que toca contrabaixo.

Esse grupo musical é responsável por animar as festas no Jauari e em comunidades vizinhas, bem como tem realizado apresentações na área urbana de Oriximiná (PA) e em Manaus – Amazonas, por exemplo.

Dando seguimento as demais práticas, talvez uma das principais manifestações exercidas na comunidade seja a *Festa Cultural* em comemoração ao Padroeiro da Comunidade, São Benedito. São dois dias de festejos com atividades religiosas e não religiosas. A festa sempre é realizada no mês de janeiro, porém em alguns anos por conta da cheia do rio, a data foi alterada para março, por exemplo. Tenho acompanhado as festas e também momentos de preparação nos dias que antecedem a realização do evento. Nos dias que antecedem a festa realiza-se o mutirão ou puxirum, segundo Galvão “O trabalho cooperativo nas roças, através dos puxirões, em que um *roceiro* convida as famílias vizinhas para ajuda-lo, é um outro traço que induz maior solidariedade” (1955, p. 37) [g.a.]. No caso do Jauari o mutirão ou puxirum também é um trabalho cooperativo, mas ao invés da roça a atividade é realizada na área em torno do barracão comunitário, igreja, campos de futebol. Se realiza a limpeza do local da festa, a ocasião torna-se ainda um ambiente de sociabilidade, reforçando os laços de solidariedade e de compadrio.

A *festa cultural* é um grande espaço destinado à várias atividades como levantamento e derrubada de mastro, realização do Aiué, ladainha, torneios esportivos, além de muita música e dança seja proporcionada pelo *Grupo Cultural Encanto do Quilombo* ou demais grupos de música e dança das comunidades que visitam durante o período de festa.

A propósito do Aiué, este inicia ao final da tarde em homenagem a São Benedito. O ritual é uma espécie de cortejo em comemoração ao santo padroeiro da comunidade. Tudo começa com a Folia da comunidade quilombola Boa Vista Cuminá, que realiza uma espécie

de procissão fluvial trazendo a imagem de São Benedito, acompanhado dos porta-bandeiras e de músicos. A Folia então, é recebida pelo Aiué de São Benedito. O Aiué recebe a Folia com seus personagens: Mantenedora, Rei do Congo e Rainha do Congo, Teolinda e Teolindo, Maria Cabeça de Cuia e Remador e os Porta-Bandeiras. É possível perceber uma espécie de Embaixada Real, representada pelas figuras do Rei e Rainha do Congo, que vestem roupas vermelhas e brancas, acompanhados pela capa e coroa real. Os demais personagens também se vestem nessas cores, mulheres de saias rodadas e adereços correspondentes a cada representação. Os músicos acompanham esse grupo, os instrumentos utilizados são o violão e tambores, lembrando os grupos de *pau e corda*, porém com elementos mais contemporâneos. Ao se juntarem, todos saem em procissão terrestre pela comunidade até chegarem em torno dos mastros. Durante o cortejo não se realiza a dança.

Em volta dos mastros, antes da derrubada dos mesmos, acontece a apresentação dos personagens do Aiué. Músicas específicas são executadas, possuem letra e música, uma sintonia entre o catolicismo e os personagens. Os personagens em pares se dirigem ao centro do círculo feito em volta dos mastros e se colocam a dançar, efetuando uma espécie de comemoração pela festa que está acontecendo. As músicas executadas nesse momento são: *Canto de entrada, Mãe Maria, Cabeça de Cuia e Teolinda*. Essas músicas, acrescidas de outras, são cantadas também durante o *Cordão do Aiué*, que concentra casais ou valsas além dos personagens. Durante essas músicas os personagens efetuam movimentos corporais em ritmos bastante característicos.

O Aiué, além de executado durante a festa no Jauari, também é convidado para apresentações nas festas de outras comunidades e na cidade de Oriximiná.

#### **4. Algumas considerações**

Apresentei até aqui apenas um pouco das práticas desempenhadas no Jauari, com ênfase para o *Grupo Cultural Encanto do Quilombo e Aiué*. Vale ressaltar que essas duas práticas estão aqui resumidas a descrições curtas. Não descrevi detalhadamente a *Festa Cultural* como um todo, nem tão pouco os grupos de dança da comunidade, como os grupos de Lundu e Dança da Castanha.

Contudo, pelo pouco que aqui apresentei observa-se que tais práticas fazem referência ao sentimento de identidade. O discurso dos agentes sociais seja através da música ou da dança perfaz a ideia de que executam de forma a garantir a função de contemplar elementos socioculturais. A música e a dança estão presente na memória social, no entanto,

ressignificada. Existi uma relação entre passado e presente, pois, segundo eles a inspiração para tal música são as práticas passadas. Contudo, no tempo presente, a música e a dança ganham novas atribuições, elementos, ritmos e funções.

Por outro lado, todos esses elementos que compõem a prática de fazer música e dança, a citar: construir instrumentos musicais, que se relaciona aos domínios dos recursos naturais; compor músicas, tocar os instrumentos; dançar nas festas, dançar durante o *Aiué*, participar de apresentações; enfim, fazer música e dança; concentram uma modalidade de afirmação étnica. A produção musical e de movimento corporal representam um processo de construção social e que podem ser vislumbradas por uma noção de reconhecimento. Esse reconhecimento está ligado tanto entre os quilombolas do Jauari, quanto entre outras comunidades quilombolas de Oriximiná.

### Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas.** – 2.<sup>a</sup> ed, Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: **O Guru, o Iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. pp. 25-68.

BEAUDET, Jean-Michel. Polay, dançar. In: **Arteriais – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes,** [S.I.], p. 110-119, out. 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/4000/3926>. Acesso em: 11 de mai de 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo.** 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DANIEL DE SOUZA, quilombola do Jauari. Liderança quilombola, Membro do Conselho Diretor da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná – ARQMO e Membro do Conselho Diretor da Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará – MALUNGU. Entrevista realizada no Jauari em 12 de fevereiro de 2017.

FARIAS, Marcos Alan Costa Farias. **“Grupo Cultural Encanto do Quilombo”:** uma etnografia da prática musical. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus: UEA, 2018.

FRANCISCO HUGO DE SOUZA, quilombola do Jauari. Liderança quilombola, Presidente da Cooperativa Mista Extrativista dos Quilombolas do município de Oriximiná – CEQMO. Entrevista realizada no Jauari em 19 de dezembro de 2017.

FUNES, Eurípedes A. Comunidades Mocambeiras do Trombetas. In: **Entre Águas Bravas e Mansas,** índios & quilombolas de Oriximiná. Denise Farjado Grupioni, Lúcia M. M. de Andrade (Orgs.). São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo: Iepé, 2015.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá**. Baixo-Amazonas, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1955. (Brasiliana, 284).

GUSFIELD, Joseph R. **Community** – a critical response. New York: Harper & Row Publisher, 1975.

MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of Music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.) **Comunidade e Sociedade: Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. v. 1, 3ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

## Notas

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas – PPGAS/UFAM. Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

<sup>2</sup> No original: Music is a product of man and has structure, but its structure cannot have an existence of its own divorced from the behavior which produces it.

<sup>3</sup> Os remanescentes de quilombos de Oriximiná são descendentes de escravos fugidos das fazendas das cidades de Alenquer, Óbidos, Gurupá e Santarém, todas no Estado do Pará. As fugas ocorriam geralmente em épocas de festas e, principalmente, de dezembro a maio, que na Amazônia corresponde ao período de cheia dos rios. Na Amazônia, as festas natalina e junina coincidem com a época de inverno e da castanha (FUNES, 2015). A cheia dos rios facilitava a fuga, os escravos buscavam os rios, entrando pelos atalhos, como os furos e igarapés e adentravam pelo Amazonas, subiam as cabeceiras de seus afluentes, buscando se estabelecer tanto a montante das cachoeiras, quanto a jusante.

<sup>4</sup> No original: “human relationships rather than a bounded and defined group”.

<sup>5</sup> Ver Barth (2000).

<sup>6</sup> Coordenação da Comunidade de Base que está vinculada a Igreja Católica; Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO), na qual representa quase todas as 36 comunidades quilombolas de Oriximiná (com exceção de Cachoeira Porteira que funda em 2002 sua organização associativa denominada Associação dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Cachoeira Porteira-AMOCREQ-CPT), Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Erepecuru (ACORQE), representatividade das comunidades pertencentes à Área Quilombola Erepecuru.

<sup>7</sup> O termo “terras tradicionalmente ocupadas” cabe nessa discussão, pois segundo Almeida “expressam uma diversidade de formas de existência coletiva de diferentes povos e grupos sociais em suas relações com os recursos da natureza” (ALMEIDA, 2008, p. 25).

<sup>8</sup> Fundação Curro Velho oferece oficinas de artes e ofícios. A partir de 2015 a Fundação Curro Velho, Instituto de Artes do Pará (IAP) e Fundação Cultural Tancredo Neves (Centur) foram fundidos criando a Fundação Cultural do Pará (FCP), através de reforma administrativa.